



Grupo de Trabalho 11: O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS: LIMITES E POSSIBILIDADES

Percepções das relações sociais presentes na escola: um olhar sociológico.

Natália Pineda Zuliani

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DE MARÍLIA

Percepções das relações sociais presentes na escola: um olhar sociológico.

Natália Pineda Zuliani

Graduanda em Ciências Sociais

UNESP-FFC Campus Marília

Introdução

... o que estaria acontecendo com a educação brasileira atualmente? Qual o papel da escola para a sua clientela e seus agentes? Afinal de contas, sua função primordial seria a de veicular os conteúdos classicamente preconizados ou tão somente conformar moralmente os sujeitos a determinadas regras de conduta? (AQUINO, 1996 p.39)

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma análise sociológica da Escola Estadual Baltazar de Godoy Moreira, localizada no interior do estado de São Paulo. Buscando analisar uma possível crise no ensino-aprendizagem e na perda de sentidos no aprender e ensinar, tanto por parte do aluno, quanto por parte do professor, focando na disciplina de Sociologia. Partindo do ponto de vista de Saviani (1995), em que entende como objetivo da educação, de um lado à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos para que se tornem humanos, e, por outro lado para a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo, de modo que a educação deve estar a serviço das transformações das relações sociais. Ao ponto em que o trabalho educativo deve produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto da humanidade. Contudo, como aponta Mendonça (2011), a presente indagação sobre a crise de sentidos e significados nos leva a pensar sobre a finalidade da escola na sociedade capitalista e suas consequências na vida social, ao ponto em que é passível de entendimento que os sentidos e significados construídos por estudantes e professores têm cada vez mais se distanciando de uma formação humanizadora.

Partindo do ponto de vista de Weber (1967) em que entende a escola como uma instituição e organização social, e a educação como um conjunto de conteúdos adquiridos daquilo que a humanidade vai acumulando a partir dos processos históricos. De modo que o papel do professor é servir aos alunos com o seu conhecimento e experiência, sendo a educação responsável por formar um ser social. Portanto, o trabalho do educador é fundamentalmente formar seres sociais sem desigualdades na hora do aprendizado, porém, tanto por fatores de desinteresse inicial por parte do estudante, quanto por parte dos professores que desistem de procurar metodologias antes mesmo de considerar questões culturais e particularidades pessoais dos estudantes. Reproduzindo assim, certo descaso e pré-julgamentos diante da sala de aula, o que torna um estranhamento maior do que já é reproduzido pela instituição de ensino. Pois como Aquino (1996) relata, o trabalho do professor passa a ser não só a de transmissão das informações acumuladas, mas, também, a (re) invenção do próprio modo de angariá-las.

Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DAYRELL, 2007, p.1106)

Objetivo

Com o objetivo principal, este trabalho busca analisar como as relações de ensino e aprendizagem entre os estudantes e os professores, observadas na disciplina de Sociologia, e na escola como um todo, podem se tornar problemáticas e gerar consequências na aprendizagem e na relação entre instituição escolar e estudante, de modo que a má relação pode levar a consequências na vida, tanto escolar quanto social do estudante. Os caminhos são traçados inconscientemente e previamente, tanto na visão do professor, quanto na visão dos próprios alunos. Pois, como relata Mendonça (2011) a escola da atual sociedade capitalista, nas últimas décadas desencadeou uma crise global afetando as instituições, resultando em conflitos e rupturas no âmbito de suas relações sociais. De modo que, este trabalho busca relatar e analisar as dinâmicas contemporâneas de uma escola pública do interior de São Paulo, a partir de experiências e concepções coletadas na entrevista

realizada na escola, para analisar a problemática do ensino e da falta de sentidos diante das relações sociais entre instituição escolar e estudantes e na interferência que as diferentes metodologias utilizadas pode interferir na vida do estudante.

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante de seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. (DAYRELL, 2007, p.1106)

Metodologia

Tomamos como partida as noções de Dayrell (2007), que relata que as diferentes dimensões da juventude são influenciadas pelos espaços em que são construídas, passando a ter sentidos próprios. Ao ponto em que os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, partindo da estruturação particular dos significados. Desta forma, para formulação deste trabalho foi necessário inicialmente analisar o conjunto escolar e, mesmo que superficialmente, a relação dos alunos com a escola, com o professor e com os funcionários da escola. A realização deste trabalho possível através das discussões teóricas e as práticas pedagógicas realizadas pelo grupo PIBID-CS da UNESP de Marília, em que realiza o trabalho na presente escola. A escola analisada foi a Escola Estadual Baltazar de Godoy Moreira, localizada no interior do estado de São Paulo, uma escola central que atende alunos das diversas regiões de Marília, tendo como principal características alunos de classe média e classe média baixa. O prédio escolar é bem amplo, com sala de leitura, vídeo, informática e grande pátio com quadra para os alunos interagirem durante o intervalo entre as aulas.

Para realizar a análise dos alunos individualmente foi solicitado para que uma professora separasse nomes de alunos que apresentavam maiores problemas de relacionamento e comportamento. Com o apoio da direção, foi solicitada previamente pela mesma uma conversa com esses alunos sobre conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania que correspondem a questões importantes e urgentes para a sociedade brasileira, presentes sob várias formas na vida cotidiana. Em que seria necessário apresentar aos alunos o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar o aluno pela necessidade de construção de uma sociedade justa, adotando atitudes de solidariedade e cooperação. Ao ponto em que seria necessário discutir a moral vigente e tentando transmitir para os alunos os valores presentes na sociedade atual e em que medida eles devem ou podem ser mudados. Visando potencializar o processo de ensino aprendizagem nas relações escolares, a escola nos guiou a usar dessa ferramenta para aglutinar professores e estudantes no fazer pedagógico ao problematizar as relações com a sociedade. E, principalmente, a escola, visando observar a participação do aluno no ambiente escolar, guiando-o para uma convivência harmoniosa para com a escola e a sociedade.

... o papel essencial da escolarização é atender a dimensão imediatamente epistêmica do ensino, isto é, a escola estaria a serviço da apropriação, por parte da criança e do adolescente, dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Outros se remeteriam a uma dimensão socializante da escola, definindo-a como ensaio, preparação do jovem cidadão para o convívio em grupo e em sociedade. Outros, ainda, lembrariam a dimensão profissionalizante da educação, assegurando-lhes a tarefa de qualificação para o trabalho. (AQUINO, 1996, p.39)

As conversas individuais ocorreram nas mesas do pátio da escola, durante o período de aula, os alunos selecionados foram chamados individualmente e em grupo de três para a conversa. Nessas conversas foi aplicada uma espiral (anexo1) para que cada aluno respondesse da melhor forma que considerasse, as perguntas eram relacionadas à escola, sua visão e sua vivência do ambiente escola.

Contudo, vale ressaltar que a escola e os professores entrevistados são guiados pelo projeto “São Paulo faz escola”, sendo um material único e fechado, instrucional padronizado e autoritário, onde é retirada a autonomia do professor em frente à sala de aula e da gestão da escola na organização de seu próprio projeto político-pedagógico, desconsiderando, assim, as diversidades multiculturais encontradas em escolas nas diferentes regiões. Segundo Sanfelice (2010), é legítimo que o governo de um Estado tenha propostas educacionais, porém é necessário questionar-se sobre a eficácia destas propostas impostas de inspiração neoliberal que são incapazes de produzir mudanças e avanços na realidade escolar e é necessário analisar se resultam de um procedimento de criação democrático. Sendo a educação um dos alvos centrais desta política conservadora, tanto na formação dos estudantes, que são vistos como consumidores, quanto nos mecanismos de criação de amplos mercados para que na “indústria da educação” comercialize os produtos nas redes de ensino, com vastas ofertas de mercadorias, tudo sob o comendo da iniciativa privada, sendo assim, a educação vista como metas e perspectivas empresariais.

Resultados

Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça tumulto, falta de limite, mau comportamento, desrespeito às figuras de autoridade etc. (AQUINO, 1996 p. 40)

A partir dos dados obtidos foi possível compreender a problemática que gera relação estudantes professores e como essa relação conflituosa influencia tanto no olhar do professor quanto do próprio estudante. Como é possível notar diante da breve conversa com a diretora em que aponta que os estudantes não têm uma identidade com a escola, que eles não consideram que façam parte desse meio. Continuou com sua resposta ao dizer que esses alunos não estão dispostos a obedecer às regras. Com base na descrição a

cima é possível retomar a ideia de Bourdieu, onde diz que a escola favorece os favorecidos e desfavorece os desfavorecidos, para ele:

A escola, ao ignorar desigualdades culturais entre crianças de diferentes classes sociais ao transmitir os conteúdos que opera, bem como seus métodos e técnicas e os critérios de avaliação que utiliza, favorece os mais favorecidos e desfavorece os mais desfavorecidos. Em outras palavras, tratando todos os educados, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Para Bourdieu em muitas vezes a escola só aprofunda o grau de exclusão de um aluno, a chamada exclusão sutil, onde em vez da escola formar um ser social ela o exclui e destacam as divisões de classe existentes. Na lógica do autor a escola seria então como um filtro para a manutenção da ordem e da legitimação da desigualdade social. A partir desta concepção podemos relatar a ideia de violência simbólica do autor, onde sintetizando sua ideia, acontece quando há a naturalização de um sistema de ensino que demonstra normas e valores de um grupo específico, desconsiderando a diversidade cultural.

A partir das respostas dadas nas espirais pelos alunos selecionados, é possível notar que não há um reconhecimento da escola como ambiente de aprendizagem, sendo possível observar a falta de mediação entre conteúdo e sujeito, pois na pergunta “Na escola eu não gosto de...” a maioria colocou respostas relacionadas a estudar e fazer lição, contudo, eles compreenderem que o aprender é importante. Pois na pergunta “Aprender pra mim é...” a maioria reconheceu que o conhecimento é importante para suas vidas, respondendo como necessário. Já na pergunta “Eu gosto de professores que...” a maioria respondeu com professores legais e que saibam explicar, com isso, é possível notar que apesar de terem pouco interesse inicialmente, os estudantes notam as diferentes formas de didáticas que os professores usam, tendo relações melhores com aqueles que tenham didáticas que os façam entender melhor e de fácil compreensão. Na pergunta “Na escola, o que eu gosto mais de fazer com meus amigos...” todos deram respostas relacionadas a fazer bagunça ou conversar, sendo possível notar a falta de compreensão de que a escola é um

espaço de ensino e aprendizagem. Sendo possível remeter a concepção de Mendonça (2011), em que analisa a falta de mediação como o cerne para a crise de sentidos e significados, ao ponto em que faz se dominar o estranhamento entre os sujeitos históricos, tornando-os seres distantes, com relações que não favorecem a motivação para o trabalho, que são construídas no cotidiano escolar.

O fato de existir um significado posto social e historicamente não implica o estabelecimento direto e imediato de sentidos para os sujeitos sociais, pois o significado não está presente, a priori, no conteúdo do sentido dos sujeitos. (MENDONÇA, p.351, 2011)

Vale ressaltar que entre os alunos selecionados, foi possível notar uma falta de entendimento de como parte integral da escola, faltando se ver como papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, ao ponto em que esses estudantes não compreendiam claramente o significado de seus papéis na escola.

Conclusão

Para concluir buscamos a compreensão de Dayrell (2007) em que relata a problemática de falta de sentidos tanto no ato de aprender, como no ato de ensinar, não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas às escolas. Segundo o autor, a perda de sentidos se dá nas tensões e desafios existentes na relação atual da juventude com sua escola, estas seriam expressões profundas que ocorrem na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socializações das novas gerações.

Portanto, após todas as conversas com os alunos e com os pontos de vistas dados pelos professores, é possível concluir que há uma dualidade nas respostas. De modo que, na visão do professor o aluno deve se comportar conforme as regras estabelecidas pela escola, já, no ponto de vista dos estudantes os professores deveriam ter mais paciência. Com isso, levando em

conta o ponto de vista de Bourdieu, em que a escola favorece os favorecidos e desfavorece os desfavorecidos, assim, é necessário que haja um reconhecimento das desigualdades tanto social quanto na hora de aprendizagem dos alunos, por parte dos professores. Deste modo, sendo necessário realizar uma nova busca de técnicas metodológicas para a apreensão e a compreensão dos estudantes, desta forma será preciso, também, uma reaproximação do professor com o estudante. Pois como notado na pergunta “Eu gosto de professor que...”, todos apontaram aqueles legais, sendo aqueles que conversam com os estudantes ouvem suas opiniões sem tirar seu papel de respeito na frente da sala.

Do ponto de vista da Sociologia, como disciplina fundamental para a discussão, problematização e potenciadora para possíveis caminhos para modificar presente problemática, deve ter como preocupação, como relata Mendonça (2011), selecionar conteúdos culturais e sociais, próprios de sua área, para que os estudantes possam assimilar conhecimentos e desenvolver capacidades que lhes permitam compreender o mundo em que vivem e se inserirem socialmente.

O que faz o método sociológico? Permite analisar as contradições existentes nos diversos planos de atividade humana, com diferentes olhares e, com isso, desvendar o que se passa na realidade social. O ensino de Sociologia poderia contribuir nessa perspectiva, como, por exemplo, pela análise da própria instituição escolar e de seu entorno para dar início à construção de sentidos individuais, dirigidos à sua verdadeira função social: produzir e socializar conhecimentos. (MENDONÇA, p.348, 2011)

Vale apontar que como relata Aquino (1996), a relação de indisciplina está ligada, também, ao um psicológico, a uma ideia de carência psíquica do aluno, sendo assim, com o reconhecimento da autoridade do professor, o aluno apresenta uma agressividade/rebeldia ou ainda desrespeito/falta de limites, sendo os obstáculos principais do trabalho pedagógico. Contudo, como Aquino (1996) relata, tanto o papel da escola como do professor é o de fermentar as experiências dos estudantes e sempre reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, a relação com os alunos. Ao ponto em que a escola deve ser repensada para então participar dos desafios que a juventude

apresenta como aponta Dayrell (2007). Ao ponto em que é necessário potencializar o processo de ensino aprendizagem nas relações escolares, tornando coeso professores e estudantes no fazer pedagógico ao problematizar as relações com a sociedade e com as metodologias presentes no ensino e aprendizagem.

Contudo, podemos entender segundo Silva (2009) que o ensinar é uma atividade da práxis humana, que garante a produção e reprodução da sociedade e da história, desta forma, ensinar não é apenas uma atividade técnica circunscrita na escola, mas sim, uma ação política que visa a transformação dos alunos, ao ponto em que não saímos do mesmo jeito que entramos nos processos de ensino-aprendizagem, de modo que os alunos precisam aprender sociologia para desenvolverem uma postura intelectual autônoma diante dos fenômenos sociais em geral.

Referências

AQUINO, J. R. G. A desordem na relação professor aluno. Cap. 9, Summus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 1998. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.).

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128. 2007.

MENDONÇA, S. G. de L. A crise de sentidos e significados na escola: A contribuição do olhar sociológico. Cad. Cedes, Campinas, vol.31, n.85. 2011.

SANFELICE, J. L. A política educacional do estado de São Paulo: Apontamentos. Nuances: estudos sobre a Educação. Ano XVII, v. 17, n. 18, 2010.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica. Primeiras aproximações. Campinas. Autores Associados, 1995

SILVA, I. L. F. Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: aproximações com os Fundamentos Pedagógicos. In SILVA, I. L F (org. et. al.). Cadernos de metodologias de ensino e de pesquisa. Londrina: UEL, 2009.

WEBER, Max. Ciência como vocação. In: Ciência e política. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1967.

Anexo 1

MEU NOME É.....

MAS NA ESCOLA EU NÃO GOSTO DE...

O QUE EU TENHO MAIS DIFICULDADE DE ESTUDAR É ...

UMA COISA QUE EU GOSTARIA DE SABER SOBRE O MEU PROFESSOR É ...

UMA COISA QUE EU GOSTARIA QUE MEU PROFESSOR Soubesse SOBRE MIM É ...

FORA DA ESCOLA GOSTO DE...

CONHECER PARA MIM É ...

NA ESCOLA, O QUE MAIS GOSTO DE FAZER COM MEUS AMIGOS É ...

O LOCAL DA ESCOLA QUE EU MAIS GOSTO É ...

O QUE MAIS ME ABORRECE NA ESCOLA É ...

EU APRENDO MELHOR QUANDO ...

MINHA ESCOLA É...

APRENDER PARA MIM É...

O QUE EU MAIS GOSTO DE FAZER NA ESCOLA É ...

EU GOSTO DE PROFESSORES QUE ...

O QUE EU MAIS GOSTO DE ESTUDAR É ...

NA ESCOLA EU GOSTO DE...

ME CHAMAM DE...